

CAOS. Pacientes e bebês ocupam o chão da unidade de saúde

Santa Mônica volta a registrar superlotação

Fechamento de maternidades nos fins de semana agrava problema

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

As dores do parto maltratam, mas o chão frio da Maternidade Santa Mônica castiga ainda mais as mães que dependem da única maternidade para gestantes de alto risco do Estado. Além das dores físicas e emocional, os maus-tratos agridem a dignidade. A superlotação reforçada pelo fechamento de todas as maternidades do Sistema Único de Saúde (SUS) nos fins de semana não para de fazer estragos. Neste fim de semana, oito mães tiveram de deitar com os bebês em colchões improvisados, no chão do corredor.

Como resume a própria diretora-geral da Santa Mônica, "foi mais um fim de semana de caos". Segundo Rita Lessa, já na sexta à noite não havia espaços para as pacientes que chegavam. "Todas as maternidades estavam fechadas, inclusive a do Hospital Universitário, que não poderia fechar as portas. Isso gerou mais um tumulto aqui, com mais pacientes no chão", destaca Rita.

O problema é velho e não se resolve. Como as maternidades Nossa Senhora de Fátima, Paulo Neto, Alerta Médico, Santo Antônio e São Rafael simplesmente deixam de atender nos fins de semana, as pacientes de baixo risco correm para a Santa



DILBERTO FARIAS

Ontem pela manhã, segundo a direção da maternidade, situação já havia sido normalizada

Mônica. Tanto que o movimento da maternidade-escola chega a dobrar ou triplicar. A equipe da maternidade já está preocupada só de pensar o que pode acontecer no próximo feriadão, que se inicia na sexta-feira, com o Dia 7 de Setembro.

"O problema é que a grande maioria das pacientes que nos procura não deveria vir aqui se fosse bem atendida nas maternidades de risco habitual", explica Rita Lessa. Tanto que um levantamento da Santa Mônica mostra que, no primeiro semestre deste ano, passaram 8.463 casos pela triagem. Mais de 77,5% deles (6.569) foram liberados sem internamento. Dentre eles, 4.804 não precisaram sequer de medicação.

"Mas a gente não pode ficar sem atender a essas mulheres, não tem como mandá-las para casa, na dúvida, sem fazer uma consulta, uma avaliação,

Alerta

A equipe da maternidade já está preocupada só de pensar no que pode acontecer no próximo feriadão, que se inicia na sexta-feira, com o Dia 7 de Setembro

porque pode ser um caso de risco", afirma a diretora. Com isso, vem a superlotação, o quadro de funcionários é reduzido, o espaço físico limitado e as mulheres precisam esperar pelo atendimento de forma improvisada. Os casos de alto risco são priorizados, mas as demais pacientes sofrem de modo desumano.

Com a bebê no colo, Luzinete Bento dos Santos era só alegria por causa da alta médica, dois meses após o parto da filha, que nasceu com hipotireoidis-

mo. Ela afirma que foi bem tratada porque ficou na ala reservada para casos graves, mas sempre ouvia informações sobre o sofrimento das outras mães. "Sempre tinha muita gente, no fim de semana ficava lotada e as mulheres dormiam no corredor, em cima de colchão, encostadas na parede".

Nesta segunda-feira, a direção garantiu que o problema já tinha sido resolvido, por causa da alta de muitos bebês que nasceram sem nenhum agravante. O problema é a chegada do próximo fim de semana. "A rede materno-infantil está desenhada muito bonita no papel, só que na prática... O atendimento de alto risco também fica comprometido, só que para os pacientes de risco habitual é ainda pior. Tem mães que ficam horas em trabalho de parto, sem ser atendidas, esperando numa cadeira, sentindo dores.

Nossa Senhora da Guia reabre ao público

MARCOS RODRIGUES
REPÓRTER

A maternidade do Hospital Nossa Senhora da Guia, que estava fechada por falta de obstetras e anestesiológicos, há quase dois meses, reabriu para atendimento, ontem. Durante todo o dia, houve pouca procura.

Segundo o coordenador médico do setor de Obstetrícia, médico João Batista, o ritmo foi considerado normal, por causa do pe-

ríodo em que a unidade ficou sem funcionar.

"Por isso, estamos encaminhando ofícios para o Hospital Universitário e também para a Uncisal, a fim de oficializarmos que estamos funcionando 24 horas", explicou Batista.

Sem revelar números, disse também que algumas parturientes já haviam sido atendidas como demanda do Sistema Único de Saúde (SUS).

A partir desta terça-feira, o Complexo Regulador

da Assistência (Cora) também poderá incluir nos agendamentos partos de baixo risco.

Ao todo, são 69 leitos destinados aos atendimentos do SUS. Destes, dez serão colocados para atendimentos da Unidade de Cuidados Intermediários (UCI), voltada aos recém-nascidos.

EXPECTATIVA

A expectativa é de que a volta dos atendimentos possa aliviar a procura no

Hospital Universitário e na Maternidade Santa Mônica, principalmente nos fins de semana. "Isso no que se refere aos partos de baixo risco", enfatizou o coordenador médico

Segundo o provedor da Santa Casa de Misericórdia de Maceió, Humberto Gomes de Melo, que administra a unidade, a decisão do retorno foi resultado do entendimento com o secretário municipal de Saúde, médico Adelson Loureiro. ☉